

Espinho: a paisagem (des)construída

Hugo Daniel da Silva Barreira

Construído aparentemente *ex-nihilo*, Espinho poderá parecer extremamente afastado das noções mais tradicionais de paisagem. Mascarado pela quadrícula dos arruamentos e quarteirões, o elemento natural esconde-se das mentes urbanizadas e aparta com ele as memórias dos pescadores que fundaram a praia que os banhistas dinamizaram. Para os primeiros habitantes e frequentadores, o mar estava sempre presente, constituía a razão de ali terem escolhido permanecer.

As diferentes plantas, sobretudo a de 1900, impuseram-se sobre o areal, disciplinaram os caminhos tortuosos que os habitantes percorreram por entre as dunas para chegarem a Anta, primitivo centro, relegado para periferia rural. Longe da memória estão igualmente os arruamentos labirínticos que contrastavam com o bairro novo que o progresso criara. Mas, esta radical política de demolições resultou sobretudo das invasões do mar, e é graças à sua ação que Espinho aparece, sensivelmente desde 1910, como um aglomerado traçado a régua e esquadro.

Através das fontes de Arquivo apercebemo-nos da concretização da realidade abstrata das plantas e da sua materialização em alinhamentos rigorosos para vedações de inúmeras *parcelas de areal* ou para edificação. Podemos também perceber a localização dos *caminhos*, dos cursos de água, ou dos *pinhais* e outras zonas de vegetação mais densa. Para tal contribuem igualmente os dados fornecidos pela história local e pela tradição, quer ao nível dos estudos, quer dos diversos relatos, descrições e memórias, de habitantes ou visitantes ao longo dos tempos. Com as fontes escritas articulam-se as fontes gráficas, que analisaremos como materializações da paisagem *per se* num dado momento e fruto de determinado olhar, tendo em conta aspetos como a seleção de enquadramentos e o propósito da sua criação.

Desconstruindo a paisagem construída chegamos à paisagem natural e, através dela, a um passado que para Espinho se encontra ainda toldado por muitas dúvidas.

É facilmente documentável a relação do pescador com o mar e com o interior. Mas o que dizer daqueles que, vindos de outros locais, fixaram residência em Espinho e, juntamente com os arrais, ajudaram o aglomerado a desenvolver-se? Ao percorrermos Espinho, apercebemo-nos da presença do mar, emoldurado pelas ruas perpendiculares, mas tal dificilmente aconteceria na época em que as plantas foram elaboradas, devido ao núcleo irregular. Por outro lado, foi somente com as obras de defesa e com a construção da esplanada que Espinho descobriu a sua face voltada para o mar. Que conclusões tirar? A presença de um espaço para parque, a criação de jardins ou a arborização das ruas articular-se-iam com preocupações paisagísticas? Qual o grau de consciência da paisagem envolvente que norteou o desenvolvimento deste aglomerado? Em que medida a especulação imobiliária e a incúria o poderão estar a comprometer?

Pensar a relação de Espinho com a paisagem que o envolve proporciona um novo olhar e desperta a sensibilidade para questões até agora pouco exploradas sobre as quais refletiremos, procurando, através de metodologias diversificadas, orientadas pela História da Arte, encontrar

os caminhos que nos permitam contribuir para a redescoberta de Espinho pelos seus habitantes e visitantes e alertar para os riscos da sua descaracterização.